

MAIS UMA HISTÓRIA INESQUECÍVEL DA AUTORA
DE *VERITY*, *ISTO ACABA AQUI* E *CONFESSO*

Laurel

Uma escolha
errada pode pôr
tudo em risco.

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

«O sobrenatural é o natural que
ainda não foi compreendido.»

ELBERT HUBBARD

A Entrevista

Tapei a boca da Layla com duas camadas de fita-cola antes de descer, mas ainda lhe ouço os gritos abafados quando o detetive se senta à mesa.

Ele tem um gravador antigo, do género que se vê nos filmes da década de 1980. Tem uns 25 centímetros de comprimento e 15 de largura, com um grande círculo vermelho no botão do lado esquerdo. Prime-o juntamente com o botão de *Play* e empurra o gravador para o centro da mesa. As rodas da cassette começam a girar.

— Por favor, diga o seu nome.

Pigarreio.

— Leeds Gabriel.

O compartimento das pilhas está colado ao aparelho com fita-cola velha de um lado ao outro. Acho isto engraçado. Aquela maquineta antiquada vai gravar tudo o que eu disser, e isso vai ajudar de alguma forma?

Nesta altura, já quase desisti. Não há luz ao fundo deste túnel. Nem sequer sei se este túnel tem *fundo*.

Como posso esperar uma forma de sair disto, quando as coisas descambaram desta maneira? Estou a falar com um detetive que conheci online, enquanto a minha namorada está lá em cima, a enlouquecer.

Como se soubesse que estou a pensar nela, o barulho volta a aumentar. A cabeceira da cama de madeira bate na parede lá em cima, criando um eco estranho nesta enorme casa vazia.

— Então — diz o homem. — Por onde quer começar? — Ele parece conseguir trabalhar, apesar do barulho, mas eu não sei se consigo. Saber que a Layla está a sofrer por causa dos meus atos não é algo que possa ignorar facilmente. Estremeço a cada som que vem do andar de cima. — Porque não começar pela forma como se conheceram? — sugere.

Hesito em responder a perguntas que sei que não conduzem a respostas, mas nesta altura prefiro ouvir a minha voz do que os gritos abafados da Layla.

— Conhecemo-nos no verão passado. Isto era uma pousada. Eu tocava baixo na banda que atuou no casamento da irmã dela.

O homem não responde. Recosta-se na cadeira, fitando-me em silêncio. Não sei que mais dizer. Tenho de desenvolver?

— Como é que o dia em que conheci a Layla se relaciona com o que se está a passar nesta casa?

Ele abana a cabeça, inclina-se para a frente e cruza os braços em cima da mesa.

— Talvez não se relacione. Mas é por isso que estou aqui, Leeds. Tudo pode ser uma pista. Preciso que recue até ao primeiro dia em que estiveram neste sítio. O que é que a Layla tinha vestido? Porque é que estavam ambos aqui? Qual foi a primeira coisa que ela lhe disse? Algum de vocês reparou em algo fora do normal na casa nessa noite? Quanto mais informação me der, melhor. Nenhum pormenor é irrelevante.

Apoio os cotovelos na mesa e tapo as orelhas com as palmas das mãos para abafar o barulho que a Layla faz lá em cima. Não suporto ouvi-la assim tão perturbada. Amo-a tanto, mas não sei se posso recuar no tempo e explicar *porque* é que a amo tanto, quando estou a fazê-la passar por isto.

Tento não pensar em como tudo foi perfeito ao princípio. Quando o faço, convenço-me mais da minha culpa por as coisas acabarem assim.

Fecho os olhos e penso na noite em que a conheci. No tempo em que a vida era mais fácil. Quando a ignorância era, realmente, uma bênção.

— Ela era uma péssima dançarina — digo ao homem. — Foi a primeira coisa em que reparei...

1

Ela é uma péssima dançarina.

É a primeira coisa em que reparo quando estou em palco, a tocar para uma plateia cada vez mais escassa. Braços compridos, que ela parece não fazer ideia de como controlar. Está descalça, movendo-se pela relva, batendo deliberadamente os pés sem nenhuma da delicadeza que a canção exige. Sacode violentamente a cabeça e os seus caracóis pretos e insubmissos deslizam para trás e para a frente, como se se abanasse ao ritmo de uma música de *heavy metal*.

O que torna tudo mais engraçado é que esta é uma banda moderna de *country*. Uma banda moderna de *country suave*. Uma sequência inteira de canções que é excruciante ouvir e ainda mais excruciante tocar.

É a Garrett's Band.

É literalmente assim que se chama. *Garrett's Band*. Foi o melhor que o Garrett conseguiu arranjar.

Eu sou o quarto membro não oficial. Fui o último a juntar-me à banda. Toco baixo. Não um contrabaixo, que as pessoas respeitam. Toco baixo elétrico. O instrumento subvalorizado e invisível que é normalmente tocado pelo membro invisível da banda — aquele que se desvanece ao fundo do palco em todas as músicas. Mas eu não me importo de me desvanecer ao

fundo do palco. Talvez seja por isso que prefiro o baixo elétrico a qualquer outra coisa.

Depois de estudar música em Belmont, o meu objetivo era ser um cantautor, mas não ajudo o Garrett a compor estas músicas. Ele não quer ajuda. Não apreciamos a música da mesma maneira, por isso limito-me a escrever canções para mim e a acumulá-las para um dia em que tenha confiança suficiente para lançar um álbum a solo.

A banda tornou-se mais popular nos últimos anos e, embora tenhamos mais procura, o que se traduz em melhor pagamento, a minha comissão enquanto baixista não melhorou. Já pensei puxar o assunto junto da banda, mas não sei se vale a pena, e eles precisam mais do dinheiro do que eu. Para não dizer que, se falar disso, são capazes de me oferecer um lugar oficial na banda e, para ser honesto, detesto tanto esta música que até me sinto envergonhado em palco.

Cada uma das nossas atuações me come a alma. Um mordisco aqui, outro ali. Tenho medo de que, se continuar a fazer isto muito mais tempo, não me sobre nada além do corpo.

Sinceramente, não sei bem o que me mantém aqui. Quando entrei para a banda, não tencionava que fosse uma coisa permanente, mas, não sei porquê, não consigo mexer o rabo para me lançar sozinho. O meu pai morreu quando eu tinha 18 anos e, em resultado da sua morte, o dinheiro nunca foi um problema. Deixou-nos um seguro de vida razoável, a mim e à minha mãe, assim como uma empresa de instalação de Internet que se gere a si própria, com empregados que preferem que eu não me intrometa e não altere anos de práticas bem-sucedidas. Assim, eu e a minha mãe mantemo-nos à distância e vivemos dos rendimentos.

É definitivamente algo por que me sinto grato, mas de que não me orgulho. Se as pessoas soubessem quão pouco a vida me exige, não me respeitariam. Se calhar, foi por isso que fiquei

na banda. São muitas viagens, muito trabalho, muitas noites longas. Mas a tortura autoinfligida faz-me sentir merecedor de, pelo menos, uma parte do que tenho na conta bancária.

Fico no lugar que me é destinado no palco e observo a rapariga a dançar, perguntando-me se estará bêbeda ou drogada, ou se por acaso estará a dançar daquela maneira para gozar com a fraca qualidade da banda. Seja qual for a razão para ela se saracotear como um peixe desidratado, sinto-me grato. É a coisa mais interessante que aconteceu num concerto nos últimos tempos. A certa altura até dou por mim a sorrir — algo que sabe Deus há quanto tempo não fazia. E pensar que eu não estava com vontade nenhuma de atuar aqui.

Talvez seja a atmosfera — a privacidade do local, combinada com a ressaca de um casamento. Talvez seja o facto de ninguém nos prestar qualquer atenção e 90 por cento dos convidados já se terem ido embora. Talvez seja a relva no cabelo da rapariga e as manchas verdes no vestido, por já ter caído três vezes durante esta canção. Ou talvez sejam os seis meses de jejum que me forcei a viver desde que rompi com a minha ex-namorada.

Talvez seja uma combinação de tudo isto que me faz concentrar toda a minha atenção nesta rapariga. Não é de surpreender, porque mesmo com a maquilhagem a escorrer pelas bochechas e um par de caracóis colados ao suor da testa, é a rapariga mais bonita que aqui está. O que torna ainda mais estranho que ninguém lhe preste atenção. Os poucos convidados que restam estão reunidos em volta da piscina com os recém-casados, enquanto tocamos a última música da noite.

A minha péssima dançarina é a única que ainda nos está a ouvir quando finalmente acabamos e começamos a arrumar.

Ouçõ a rapariga gritar *encore* quando vou para o fundo do palco guardar a guitarra na caixa. Fecho a caixa rapidamente, desejando ainda encontrá-la depois de enfiarmos todos os instrumentos na carrinha.

Reservámos dois quartos para os quatro aqui mesmo na pousada. São 11 horas de viagem de volta a Nashville e nenhum de nós se queria fazer à estrada à meia-noite.

O noivo vai ter com o Garrett quando ele está a fechar a carrinha e convida-nos a todos para uma bebida. Eu normalmente recusaria, mas tenho esperança de que a má dançarina também fique por ali. Ela era divertida. E agradou-me o facto de não ter cantado a acompanhar nenhuma das canções. Não sei se poderia sentir-me atraído por uma rapariga que gostasse da música do Garrett.

Encontro-a na piscina, a boiar, ainda com o vestido bege de dama de honor sujo de relva.

É a única que está na piscina, por isso, depois de ir buscar uma cerveja, vou até ao lado mais fundo, tiro os sapatos e enfiio as pernas na água, com calças de ganga e tudo.

As ondas que provooco acabam por atingi-la, mas ela não levanta a cabeça para ver quem se lhe juntou na água. Continua a contemplar o céu, tão calada e quieta como um tronco flutuante. Um grande contraste com a exibição ridícula que fez antes.

Já estou a observá-la há alguns minutos quando a água a envolve completamente e ela desaparece. Quando ela ergue os braços e afasta a água e a sua cabeça emerge, está a olhar-me diretamente, como se sempre tivesse sabido que eu estava ali.

Mantém-se a flutuar com pequenos movimentos dos pés e braçadas lentas. Percorre a distância entre nós devagar, até ficar mesmo em frente das minhas pernas, a fitar-me. A lua está atrás de mim e os olhos dela refletem o seu brilho como duas pequenas lâmpadas.

Do palco, eu pensei que ela era bonita. Mas, a 30 centímetros dela, percebo que é a coisa mais linda que já vi. Lábios rosados e cheios, queixo delicado que espero acariciar com a mão a certa altura. Os olhos são tão verdes como a relva que rodeia a piscina.

Quero deslizar para dentro da piscina com ela, mas tenho o telemóvel no bolso e uma lata meio cheia de cerveja na mão.

— Alguma vez viste aqueles vídeos do *You Tube* em que as pessoas morrem por dentro? — pergunta.

Não faço ideia porque mo pergunta, mas o que quer que lhe saísse da boca neste momento teria dentro de mim a mesma força que aquelas palavras tiveram. A voz dela é fina e débil, como se lhe flutuasse sem esforço da garganta.

— Não — respondo.

Ela está um pouco sem fôlego, pelo esforço de se manter à tona.

— São compilações de coisas embaraçosas que acontecem às pessoas. A câmara faz sempre *zoom* na cara delas no pior momento. Têm expressões que parecem mostrar que estão a morrer por dentro. — Limpa a água dos olhos com ambas as mãos. — Era esse o teu aspeto no palco esta noite. Como se estivesse a morrer por dentro.

Nem me lembro de ela ter olhado para o palco, muito menos de me ter observado o tempo suficiente para avaliar corretamente como me sinto quando tenho de tocar a porcaria daquelas músicas em palco.

— Já estou morto por dentro. Morri na primeira noite em que comecei a tocar com a banda.

— Foi o que pensei. Gostaste da minha dança? Estava a tentar animar-te.

Assinto com a cabeça e bebo um gole de cerveja.

— Resultou.

Ela sorri e mergulha durante alguns segundos. Quando reemerge, tira o cabelo todo da cara e diz:

— Tens namorada?

— Não.

— Namorado?

— Não.

— Mulher?

Abano a cabeça.

— Tens amigos, ao menos?

— Não propriamente — admito.

— Irmãos?

— Filho único.

— Caraças. És solitário.

Outra avaliação correta. Se bem que, no meu caso, a solidão seja uma escolha.

— Quem é a pessoa mais importante da tua vida? — pergunta ela. — Os pais não contam.

— Neste momento?

Ela assente.

— Sim. Neste momento. Quem é a pessoa mais importante da tua vida?

Penso por um instante e percebo que a única pessoa por quem era capaz de levar um tiro é a minha mãe. Sou indiferente em relação aos gajos da banda. São mais como colegas de trabalho com os quais não tenho nada em comum. E como os pais não contam, esta rapariga é, de facto, a única pessoa na minha cabeça neste momento.

— Acho que és tu — digo.

Ela inclina a cabeça, semicerrando os olhos.

— Isso é um bocado triste. — Levanta os pés e bate na parede entre as minhas pernas, afastando-se de mim. — Nesse caso, o melhor é eu fazer com que tenhas uma noite boa. — O sorriso dela é sedutor. Um convite.

Aceito o convite, pousando o telemóvel no cimento, ao lado da cerveja agora vazia. Tiro a t-shirt e vejo-a a observar-me enquanto entro na piscina.

Agora estamos ao mesmo nível e diabos me levem se ela não parece ainda mais bonita.

Nadamos em torno um do outro num círculo lento, a tentar não nos tocarmos, embora seja óbvio que ambos o desejamos.

— Quem és tu? — pergunta ela.

— O baixista.

Ela ri-se, e o riso dela é o oposto da sua voz débil. É deliberado e abrupto e acho que ainda me agrada mais do que a sua voz.

— Como é que *te chamas*? — clarifica.

— Leeds Gabriel.

Ainda estamos a nadar em torno um do outro em círculos. Ela inclina a cabeça e pensa um pouco no meu nome.

— Leeds Gabriel é um bom nome artístico. Porque é que tocas na banda de outra pessoa? — Continua a falar, parecendo que não deseja realmente uma resposta àquela pergunta. — Chamam-te Leeds por causa da cidade inglesa?

— Sim. Como é que tu te chamas?

— Layla — sussurra ela, como se fosse segredo.

É o nome perfeito. O único que podia ter dito que lhe assentava como uma luva, não tenho qualquer dúvida.

— Layla — diz alguém atrás de mim. — Abre. — Olho por cima do ombro e é a noiva quem está atrás de mim, estendendo algo a Layla. A Layla nada até junto dela, abre a boca e a noiva coloca-lhe um pequeno comprimido branco no centro da língua. A Layla engole-o e não sei o que era, mas foi sexy como o raio.

Ela percebe que estou hipnotizado pela sua boca.

— O Leeds quer um — diz ela, estendendo a mão para outro comprimido. A noiva dá-lhe outro e vai-se embora. Não pergunto o que é. Não me interessa. Desejo-a tanto que serei Romeu para Julieta e tomarei qualquer espécie de veneno que ela me queira pôr na língua neste momento.

Abro a boca. Os dedos dela estão molhados e o comprimido já se dissolveu um pouco ainda antes de me chegar à língua. É amargo e difícil de engolir sem água, mas consigo. Mastigo-o um pouco.

— Quem era a pessoa mais importante da tua vida ontem? — pergunta a Layla. — Antes de eu aparecer.

— Eu.

— Tirei-te do pódio?

— Parece que sim.

Ela vira-se de costas com fluidez e sem esforço, como se passasse mais tempo numa piscina do que em terra. Volta a fitar o céu, com os braços estendidos, o peito elevando-se com uma grande inalação de ar.

Encosto-me à parede da piscina e estendo os braços para os lados, agarrando-me ao rebordo de cimento. O meu coração começa a bater com mais força e o meu sangue parece mais espesso.

Não sei que género de droga é que ela me deu, provavelmente *ecstasy* ou outra espécie de estimulante, porque está a bater depressa. Neste momento tenho mais consciência do que se passa no meu tronco do que no resto do corpo. O meu coração parece inchado, como se não houvesse espaço suficiente para ele.

A Layla continua a boiar de costas, mas a cara dela está perto do meu peito. Está mesmo à minha frente. Se eu me inclinasse um pouco, ela já não estaria a olhar para o céu. Estaria a olhar para mim.

Porra, esta merda é boa.

Sinto-me bem. Sinto-me confiante.

A água está tão calma à nossa volta que ela parece suspensa no ar. Tem os olhos fechados, mas quando o cimo da sua cabeça me embate no peito, ela olha-me, a cara mesmo por baixo da minha, como se esperasse que eu fizesse alguma coisa.

Por isso, faça.

Inclino-me apenas o suficiente para a minha boca pousar gentilmente sobre a dela. Beijamo-nos com as cabeças ao contrário, o lábio inferior dela entre os meus. Os lábios dela são como uma explosão suave, detonando campos de minas desconhecidos sob cada centímetro da minha pele. É estranho, fascinante, porque ela ainda está de costas, flutuando à superfície da água.

Mergulho a língua na boca dela e, não sei porquê, não me sinto digno de lhe tocar, por isso mantenho os braços onde estão — segurando a piscina, um de cada lado do corpo.

Ela mantém os braços esticados, e a única coisa que mexe é a boca. Sinto-me grato por o primeiro beijo ser de cabeça para baixo, porque isso deixa muito espaço para imaginar como será beijá-la de cabeça para cima pela primeira vez. Nunca mais vou querer beijar uma rapariga sem estar pedrado com o que quer que a noiva nos tenha dado. É como se o meu coração, a cada batida, se comprimissem até ao tamanho de uma moeda e depois inchasse até ao tamanho de um tambor.

Já não bate como é normal. Já não há um *tum, tum, tum, tum, tum, tum* suave. Agora é um *plim* e um *TUM*.

Plim TUM, plim TUM, plim TUM.

Não posso continuar a beijá-la assim, de cabeça para baixo. Isto está a enlouquecer-me, como se não encaixássemos, e eu quero que a minha boca encaixe perfeitamente na dela. Seguro-a pela cintura e giro-a sobre a água até ela ficar de frente para mim e depois puxo-a para o meu corpo. Ela enrola as pernas na minha cintura e as mãos saem da água e seguram-me a nuca, o que a faz afundar um pouco, porque agora sou a única coisa a mantê-la à tona de água. Mas os meus braços estão ocupados a descer-lhe pelas costas e começamos ambos a afundar-nos, sem que nenhum de nós faça algo em relação a isso. As nossas bocas unem-se mesmo antes de submergirmos. Não passa sequer uma gota de água entre os nossos lábios.

Submergimos até ao fundo da piscina, ainda unidos. Assim que batemos no fundo, abrimos os olhos ao mesmo tempo e afastamo-nos para nos olharmos. Os cabelos flutuam-lhe agora por cima da cabeça e ela parece um anjo submerso.

Gostava de poder tirar uma fotografia.

Bolhas de ar enublam o espaço entre nós, por isso ambos pontapeamos a água para voltarmos à superfície.

Chego à superfície dois segundos antes dela. Estamos de frente um para o outro, prontos para recomeçarmos a beijar-nos. Unimo-nos, de volta à posição anterior. As nossas bocas procuram-se, mas assim que sinto o sabor do cloro nos lábios dela somos interrompidos por cânticos.

Consigo distinguir a voz do Garrett por cima de muitas outras, todos a aplaudir o nosso beijo. A Layla olha para trás e mostra-lhes um dedo.

Separa-se de mim e empurra-me para a parede da piscina.

— Vamos — diz, saindo da água. Não o faz com graciosidade. Iça-se da parte mais funda, a um metro e meio da escada, e tem de rolar pelo cimento para sair da piscina. É desajeitada e perfeita.

Sigo-a e, alguns segundos depois, corremos ambos para um lado da casa, onde há mais escuridão e privacidade. A relva é fria e macia debaixo dos meus pés. Como gelo... mas derretido.

Acho que isso é o mesmo que água. Mas não parece água. Parece gelo derretido. *As drogas tornam as coisas difíceis de explicar.*

A Layla dá-me a mão e tomba na relva de gelo derretido, arrastando-me para cima dela. Soergo-me apoiado nos cotovelos para a deixar respirar e fito-a por um momento. Tem sardas. Não muitas, espalhadas pela cana do nariz. Algumas nas bochechas. Passo a mão por cima delas.

— Porque é que és tão bonita?

Ela ri-se. Com toda a razão. Foi piroso.

Vira-me de costas e sobe o vestido pelas coxas, para se montar em cima de mim. As suas coxas sugam-me os flancos, porque estamos ambos ensopados. Ponho-lhe as mãos nas coxas e absorvo a intensidade desta pedrada.

— Sabes porque é que este sítio se chama Corazón del País? — pergunta.

Eu não sei, por isso apenas abano a cabeça e espero que seja uma longa história para a ouvir falar mais do que até agora.

Era capaz de ouvir a voz dela a noite inteira. De facto, há uma sala na pousada a que chamam Sala Grande, com todas as paredes forradas com centenas de livros. Ela podia lê-los para mim durante toda a noite.

— Quer dizer Coração do País — explica ela. Há entusiasmo nos seus olhos e na sua voz quando fala. — Este local, exatamente este pedaço da propriedade em que estás deitado, é o centro geográfico literal dos Estados Unidos contíguos.

Talvez seja por neste momento estar muito consciente do bater do meu coração, mas não me faz sentido.

— Porque é que lhe chamam isso? Na verdade, o centro do corpo não é o coração, mas o estômago.

Ela dá novamente a sua gargalhada rápida e contundente.

— É verdade. Mas *Estômago del País* não soa tão bonito.

Porra.

— Falas francês?

— Tenho quase a certeza de que é espanhol.

— Seja o que for, foi sensual.

— Só estudei um ano no secundário — diz ela. — Não tenho talentos escondidos. O que existe está à vista.

— Duvido. — Faço-a rebolar de cima de mim para o chão e prendo-lhe os pulsos na relva enquanto me ponho em cima dela. — És uma dançarina talentosa.

Ela ri-se. Eu beijo-a.

Beijamo-nos durante vários minutos.

Mais do que beijamos. Tocamos. Mexemos. Gememos.

É tudo demasiado — como se eu estivesse a cambalear no limiar da morte. O coração pode literalmente explodir-me no peito. Começo a perguntar-me se devemos continuar a fazer isto. O efeito da droga e de curtir com a Layla é um bocadinho demais. Não posso deixar que ela fique enrolada no meu corpo nem mais um segundo, ou ainda desmaio por tudo o que estou a sentir. É como se em cada terminação nervosa

crescesse uma terminação nervosa. Sinto tudo com o dobro da magnitude.

— Tenho de parar — sussurro, tirando-lhe as pernas de volta de mim. — Que raio é que tomámos? Não consigo respirar.

— Estás a falar do que a minha irmã te deu?

— A noiva é tua irmã?

— Sim, chama-se Aspen. É três anos mais velha do que eu. — A Layla soergue-se, apoiada no cotovelo. — Porquê? Estás a gostar?

— Sim. A adorar.

— É intenso, não é?

— Caraças, sim!

— A Aspen dá-me uma sempre que bebo demais. — Inclina-se até ficar com a boca junto do meu ouvido. — Chama-se aspirina. — Quando recua, a minha expressão de confusão fá-la rir. — Achaste que estavas pedrado?

Por que outra razão me sentiria assim?

Sento-me.

— Aquilo não era aspirina.

Ela cai de costas com um ataque de gargalhadas, fazendo uma cruz no peito.

— Juro por Deus. Tomaste uma *aspirina*. — Ela ri-se tanto que tem de se esforçar por recuperar a respiração. Quando finalmente consegue, suspira e é delicioso e, raios me partam, acabei de dizer *delicioso*?

Ela abana a cabeça, olhando-me com um sorriso doce.

— Não são as drogas que te fazem sentir assim, Leeds. — Põe-se de pé e dá a volta até à parte da frente da casa. Mais uma vez, sigo-a, porque se aquilo era mesmo aspirina, estou fodido.

Estou fodido.

Não sabia que uma pessoa me podia fazer sentir tão bem, sem que uma substância qualquer me percorresse o corpo.

Entramos na casa, mas a Layla não vai para um quarto. Vai para a Sala Grande, a que tem os livros e o pequeno piano de cauda. Depois de entrarmos os dois, ela fecha a porta e tranca-a. As minhas calças de ganga e o vestido dela deixam um rasto de água.

Quando paro e me viro para a olhar, está a fitar a poça de água aos meus pés.

— O soalho é antigo — diz ela. — Devíamos respeitá-lo. — Tira o vestido ensopado pela cabeça e agora está na sala mal iluminada, a um metro e meio de mim, apenas de cuecas e soutien. As duas peças não combinam. O soutien é branco e as cuecas são aos quadrados verdes e pretos e adoro que ela não se tenha importado muito com o que usava por baixo do vestido. Observo-a por um momento, admirando-lhe as curvas e o modo como ela não tenta ocultar-me partes de si.

A minha última namorada tinha um corpo que rivalizava com o de uma supermodelo, mas nunca estava confortável consigo mesma. Foi uma das coisas que acabou por me irritar nela, porque, apesar de ser tão bonita, a insegurança era o seu traço principal.

A Layla tem uma atitude de confiança que seria atraente qualquer que fosse o seu aspeto.

Faço o que me pede e tiro as calças, deixando os *boxers*. A Layla pega nas nossas roupas e pousa-as em cima de um tapete que provavelmente é mais valioso do que o soalho, mas se ela quer assim...

Olho em volta da sala e há um sofá de couro castanho e gasto ao lado do piano. Tenho vontade de a atirar para cima dele e perder-me dentro dela, mas a Layla tem planos diferentes.

Puxa o banco do piano e senta-se.

— Sabes cantar? — pergunta, martelando algumas teclas.

— Sei.

— Porque é que não cantas em palco?

— É a banda do Garrett. Ele nunca me pediu para cantar.

— Garrett? É o nome do vocalista?

— Precisamente.

— Ele é tão atroz como as suas letras?

Aquilo faz-me rir. Abano a cabeça e sento-me ao lado dela no banco.

— É bastante mau, mas não tanto como as suas letras.

Ela prime o dó central no piano.

— Ele tem inveja de ti?

— Porque haveria de ter inveja? Sou só o baixista.

— Ele não é um vocalista natural. Tu sim.

— Isso é uma grande afirmação. Nem sequer me ouviste cantar.

— Não faz mal. Podes ser péssimo, mas ficam todos ofuscados quando estás em palco.

— Tal como o resto da multidão fica ofuscada quando tu danças?

— Eu era a *única* a dançar!

— Vês? Nem reparei nisso.

Ela inclina-se quando digo isto e penso que me vai beijar, mas apenas sussurra de encontro à minha boca:

— Toca-me qualquer coisa. — Vai para o sofá e deita-se. — Toca-me algo digno desse piano.

Cruza as pernas nos tornozelos e deixa um braço pender para fora do sofá. Desliza um dedo pelo chão de madeira enquanto espera que eu comece a tocar, mas não consigo parar de olhar para ela. Não tenho a certeza se existe outra mulher neste planeta que me faça querer olhá-la sem pestanejar, até os meus olhos ficarem secos, mas ela olha-me com expectativa.

— E se não gostares da minha música? — pergunto. — Ainda me deixas beijar-te?

Ela sorri-me gentilmente.

— A canção significa algo para ti?

— Escrevi-a com pedaços da minha alma.

— Nesse caso, não tens com que te preocupar — diz baixinho.

Viro-me no banco e pouso os dedos nas teclas. Hesito por um momento antes de tocar a música. Nunca a toquei para ninguém. A única pessoa para quem a queria cantar era o meu pai, mas ele já não está vivo. Aliás, foi a morte dele que me fez escrevê-la.

Nunca me senti nervoso a tocar as músicas do Garrett em palco, mas isto é diferente. É pessoal e, apesar de agora só haver uma pessoa a assistir, parece-me a plateia mais intensa para a qual já toquei.

Encho os pulmões de ar e solto-o lentamente enquanto começo a tocar.

Nessa noite parei de acreditar no céu

Não posso crer num Deus tão cruel

E tu?

Nessa noite parei de rezar de joelhos

Mas também não rezo de pé

E tu?

Nessa noite fechei a porta, fechei a janela

Fiquei sentado no escuro

E tu?

Nessa noite descobri que a felicidade é um conto de fadas

Mil páginas lidas em voz alta

Por ti.

Nessa noite parei de acreditar em Deus

Tu eras nosso e ele não se importou

Levou-te.

Nessa noite parei...

Parei...

Só

Parei

Nessa noite

Eu parei

Eu...

Quando acabo de tocar, cruzo as mãos no colo. Hesito um pouco em virar-me para ela. A sala ficou num silêncio completo depois de eu tocar a última nota. Tão silenciosa... Parece que todo o som foi sugado para fora da sala. Não ouço sequer a respiração dela.

Fecho a tampa do piano e viro-me lentamente no banco. Ela está a limpar os olhos, fitando o teto.

— Caramba — sussurra. — Não estava à espera disso. Parece que pisaste com força em cima do meu peito.

É o que eu sinto desde que a vi esta noite.

— Gosto do final — diz ela. Senta-se no sofá, com as pernas debaixo do corpo. — Paras, simplesmente, a meio da frase. É tão perfeito. Tão poderoso.

Não sabia se ela tinha percebido o fim intencional, mas tê-lo percebido deixa-me mais enamorado dela.

— Onde é que posso encontrar a música? Está no *Spotify*? Abano a cabeça.

— Nunca lancei nada meu.

Ela olha-me com um horror simulado, batendo no braço do sofá.

— O quê?! Porquê?

Encolho os ombros.

— Não sei. — E *não* sei, mesmo. — Talvez porque toda a gente em Nashville julga ser alguém. Não quero ser alguém que julga ser alguém.

Ela levanta-se e vem ter comigo. Empurra-me os ombros até eu ficar encostado ao piano e senta-se em cima de mim, com uma perna para cada lado e os joelhos no banco. Agora estou a fitá-la e ela segura-me o rosto, e fala com os olhos semicerrados.

— É egoísta guardares as tuas canções só para ti. É melhor ser alguém altruísta do que alguém egoísta.

Parece-me que estou feliz por conhecer esta rapariga.

Verdadeiramente feliz.

Seguro-lhe a nuca e empurro a boca dela para a minha. Não sei o que está a acontecer aqui. Há tanto tempo que não gostava de uma rapariga a ponto de querer saber onde ela vai estar no dia seguinte.

Mas... onde é que a Layla vai estar amanhã?

Onde esteve ontem?

A que lugar chama casa?

Onde é que cresceu?

Quem é a *sua* pessoa favorita neste momento?

Quero saber estas coisas todas. Tudo.

A Layla interrompe o beijo.

— A Aspen avisou-me logo, quando me viu a olhar para ti. Disse: «Promete que te manténs longe dos músicos. Devem ter clamídia.»

Rio-me.

— Prometeste-lhe que te mantinhas longe de mim?

— Não. Disse-lhe: «Não faz mal se tiver clamídia. Também deve ter preservativos.»

— Não tenho clamídia. Mas também não tenho preservativos.

Ela separa-se de mim e põe-se de pé.

— Não faz mal. Tenho um no meu quarto. — Vira-se e encaminha-se para a porta.

Pego nas nossas roupas molhadas e sigo-a para fora da sala e pelas escadas acima. Ela não me convidou propriamente para ir ao seu quarto, mas percebo que espera que eu a siga, porque continua a falar enquanto sobe as escadas.

— Há muito tempo que não faço isto — diz ela por cima do ombro. — Só tenho preservativos porque eram brindes da despedida de solteira. — Vira-se, parando num degrau.

— Não sabia que seria tão difícil dar uma queca no mundo real. Na faculdade nem precisas de te esforçar, mas depois... *argh*. — Recomeça a subir as escadas. Abre a porta do quarto e eu sigo-a para o interior. — O problema com o sexo depois da faculdade é que eu odeio encontros. Ocupa demasiado tempo. Dedicas uma noite inteira a uma pessoa que percebeste nos primeiros cinco minutos ser um desperdício de tempo.

Concordo com ela. Agrada-me muito mais a ideia de passar logo à ação. Sempre quis alguém com quem pudesse imediatamente fazer clique e depois *mergulhar* de cabeça.

Não sei se a Layla pode ser essa pessoa, mas quando chegámos ao fundo da piscina parecia mesmo que sim. Foi o beijo mais intenso que já dei.

A Layla tira-me as roupas molhadas das mãos e leva-as para a casa de banho dela. Atira-as para dentro do chuveiro e, de volta ao quarto, diz:

— Devias deixar a banda.

Ela deve ser a pessoa mais imprevisível que já conheci. Até as frases mais simples me apanham de surpresa.

— Porquê?

— Porque estás infeliz.

Ela tem razão. Estou mesmo. Encaminhamo-nos ambos para a cama.

— O que é que fazes para ganhar a vida? — pergunto-lhe.

— Não tenho emprego. Fui despedida na semana passada.

Ela senta-se e encosta-se à cabeceira da cama. Eu deito a cabeça na almofada do meu lado, e olho para ela. A minha cara está junto das suas ancas, e é ao mesmo tempo estranho e sexy estar tão perto da coxa. Encosto-lhe os lábios.

— Porque é que foste despedida?

— Não me davam folga para o casamento da Aspen, por isso não apareci no trabalho. — Ela deita-se ao meu lado. — Os teus *boxers* ainda estão molhados. É melhor tirarmos o resto da roupa.

Ela é direta, mas isso agrada-me.

Seguro-a pela cintura e puxo-a para cima de mim. Posiciono-a tão perfeitamente de encontro a mim que ela arqueja. Sou mais alto, por isso a cara dela não chega à minha, mas quero beijá-la. Ela também deve querer beijar-me, porque desliza pelo meu corpo e as nossas bocas unem-se.

Não restam muitas peças de roupa entre nós, por isso passam apenas alguns segundos até estarmos nus debaixo dos cobertores e quase além do ponto de nos preocuparmos com um preservativo. Mas eu não conheço esta rapariga e ela não me conhece, por isso espero enquanto ela anda às escuras pelo quarto até encontrar a mala. Quando encontra um preservativo e mo entrega, ponho as mãos debaixo do cobertor e começo a colocá-lo.

— Acho que tens razão — digo.

— Acerca de quê?

Rebolo para cima dela e ela abre as pernas, deixando-me encaixar entre elas.

— Devia deixar a banda.

Ela faz um aceno de concordância.

— Serias mais feliz a tocar a tua própria música, mesmo que não ganhasses dinheiro. — Beija-me, mas muito brevemente, antes de recuar. — Arranja um emprego que consigas tolerar. Lança a tua música em paralelo. É melhor ser pobre e realizado do que... pobre e vazio. Ia dizer *rico* e vazio, mas acho que não és rico, ou não estarias a tocar com aquela banda.

Eu podia dizer-lhe que não sou pobre, mas admitir que toco na banda de livre vontade e não por necessidade é um pouco embaraçoso, e opto por não dizer nada.

— Se estás destinado a ser pobre, mais vale seres um pobre feliz — acrescenta.

Ela tem razão. Beijo-lhe o pescoço e depois os seios. E a minha boca está novamente encostada à dela.

— Acho que estou contente por te ter conhecido.

Ela recua um pouco, depois sorri-me.

— *Achas?* Ou *estás?*

— Estou. Estou *muito* contente por te ter conhecido.

Ela percorre-me os lábios com os dedos.

— E eu estou muito contente por *te* ter conhecido.

Beijamo-nos um pouco mais, e é um momento cheio de expectativa ociosa, como se soubéssemos que dispomos da noite toda e não há necessidade de pressas. Mas eu já pus o preservativo e ela já está a guiar-me para dentro de si.

Mesmo assim, demoro-me com ela. Muito tempo.

Os minutos parecem importar mais quando são passados com ela.



Ela está deitada de barriga para baixo e eu percorro-lhe com dedos moles a curva suave da coluna.

Chego à base do pescoço, enfio os dedos nos cabelos e começo a acariciar-lhe a nuca.

— Neste momento, era capaz de matar por um *taco* — diz ela.

Nunca quis tanto estar dentro da cabeça de uma rapariga como quero estar dentro da cabeça da Layla. A mente dela não funciona como as outras. Não tem filtro entre o cérebro e a boca e não tem a consciência a dizer-lhe que se devia sentir mal por algo que tenha dito. Diz as coisas sem pedir desculpa e sem qualquer remorso. Mesmo quando as suas palavras magoam.

Até esta noite, eu não tinha percebido como a honestidade brutal era sexy.

Disse-lhe há alguns minutos que o sexo com ela foi o melhor que já tive. Esperava que me devolvesse o elogio, mas ela limitou-se a sorrir e disse:

— Pensamos sempre isso quando o estamos a fazer. Mas depois aparece alguém novo e esquecemo-nos de como foi bom antes, e o ciclo recomeça.

Eu ri-me. Pensei que ela estava a brincar, mas não estava. E depois pensei no que ela disse, e tinha razão. Perdi a virgindade aos 15 anos. Achei que era a melhor coisa que alguma vez viveria. Mas depois, quando tinha 17, apareceu a Victoria Jared, e foi o melhor sexo que já tinha tido. E depois veio a Sarah Kisner, e a rapariga que entrava furtivamente no meu dormitório no meu ano de caloiro e depois mais duas ou três, e depois a Sable. Pensei, com todas, que não podia haver melhor do que aquilo. Mas se calhar eram todas tão boas como a anterior.

Nenhuma delas se compara com a Layla. Tenho a certeza disso. *Tanta certeza como tive todas as vezes antes da Layla.*

— És religioso? — pergunta a Layla.

Os pensamentos dela são tão esporádicos e intensos como os seus atos. Acho que é por isso que estou tão intrigado com ela. De um momento para o outro, deixa de estar deitada de costas a gritar o meu nome enquanto me crava as unhas nos ombros, para depois se deitar de barriga para baixo a dizer-me que lhe apetece um *taco*. E a seguir esquece os *tacos* e quer saber se sou religioso. Adoro. Na sua maioria, as pessoas são previsíveis. Mas cada palavra e ação da Layla parecem-me um presente embrulhado.

— Não sou religioso. Tu és?

Ela encolhe os ombros.

— Acredito na vida depois da morte, mas não sei se sou religiosa.

— Eu acho que a existência é um acaso. Estamos aqui durante algum tempo e depois deixamos de estar.

— Isso é deprimente — diz ela.

— Nem tanto. Imagina como será o céu. O espírito positivo constante, os sorrisos, a ausência de pecado. A ideia de viver

eternamente num sítio cheio de pessoas que passam o tempo a debitar frases inspiradoras parece-me muito mais deprimente do que simplesmente acabar tudo com a morte.

— Não sei se acredito *nesses* género de vida após a morte — diz a Layla. — Vejo a existência mais como uma série de dimensões. Talvez o céu seja uma delas, talvez não.

— Que espécie de dimensões?

Ela vira-se de lado e, quando os meus olhos se focam nos seus seios, não tenta forçar-me a fazer contacto visual. Ao invés, puxa a minha cabeça para o seu peito e deita-se de costas. Repouso a cabeça no peito dela e seguro um seio na mão, enquanto ela me afaga ociosamente madeixas de cabelo e continua a falar.

— Pensa nas coisas assim — diz ela. — O útero é uma existência. Enquanto fetos, não nos lembramos da vida antes do útero e não fazemos ideia se haverá vida depois do útero. Só conhecemos o útero. Mas depois nascemos, deixamos o útero e chegamos à nossa dimensão *atual* de existência. E não nos lembramos de estar no útero antes desta vida, e não fazemos ideia do que vem depois dela. E quando a nossa vida atual termina, entramos numa dimensão totalmente diferente, onde talvez não nos lembremos *desta* dimensão da existência, tal como não nos lembramos de estar no útero. São só dimensões diferentes, uma depois da outra depois da outra. Algumas, temos a certeza de que existem. Outras, apenas *acreditamos* que existam. Pode haver dimensões da existência que nem imaginamos. Podem ser infindáveis. Não acredito que alguma vez realmente morramos.

A explicação dela faz sentido, ou talvez eu esteja apenas a sentir-me simpático porque a minha boca está no seio dela. Pego noutro preservativo enquanto pondero a teoria dela. Parece-me mais provável do que alguma vez me pareceu a ideia de portões perlados ou fogo e enxofre.

Continuo convencido de que existe a vida e existe a morte e nada mais.

— Se tiveres razão, esta é a minha dimensão favorita — digo, cobrindo-lhe o corpo com o meu.

Ela abre as coxas para mim e sorri de encontro aos meus lábios.

— Só porque estás nesta.

Abano a cabeça enquanto a penetro.

— Não. Prefiro esta porque estou *em ti*.

O ESPÍRITO DO AMOR NÃO CONHECE BARREIRAS.

Quando Leeds conhece Layla, tem a certeza de ter encontrado a sua companheira para a vida, até que um ataque inesperado à namorada o obriga a repensar os seus planos. Depois de passar semanas no hospital, Layla recupera fisicamente, mas as sequelas mentais e emocionais parecem ter alterado a mulher independente e espontânea por quem Leeds se apaixonara. Para tentar ajudá-la na sua convalescença, Leeds decide levá-la para a pousada onde se conheceram, na esperança de que as boas recordações a façam voltar ao que era. Contudo, o que a pousada desperta em Layla é um comportamento cada vez mais bizarro e acompanhado por vários acontecimentos aparentemente inexplicáveis.

Preocupado com tudo o que se passa à sua volta, Leeds encontra apoio na misteriosa Willow, uma presença constante na pousada com quem ele estabelece uma forte ligação. Movido pela curiosidade que Willow lhe provoca, sente-se determinado a ajudá-la a encontrar respostas para os seus problemas, mas depressa se apercebe de que isso poderá pôr Layla em risco. Incapaz de ajudar as duas, Leeds vê-se perante uma escolha difícil e que poderá ser perigosa para todos.

«Surpreendente e emocionalmente tenso.»

PUBLISHERS WEEKLY

Leia os outros romances imperdíveis de Colleen Hoover:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-564-520-6



9 789895 645206

Ficção Romântica